

Gilberto Souza Gomes Job

Millôr Fernandes escreveu certa vez que o aparelho estatal não passa de uma associação de extorsionários empenhados em tomar o dinheiro da população. E ele não estava brincando.

Apesar disso, muitos dos nossos constituintes lutam ferozmente no Congresso para estatizar o pouco espaço que ainda nos resta para exercer a nossa liberdade de empreender.

Eles se autodenominam "progressistas". E pela violência com que investem contra os que se lhes opõem, eu acrescentaria... "selvagens". Foi o que se viu na recente convenção do PMDB.

O progressista selvagem nem sempre cresceu e se desenvolveu à sombra do Estado. Alguns entre eles conheceram de perto a experiência empresarial, mas não se deram bem. Aliás, esses são os piores, pois sempre que alcançaram o poder se transformaram em verdadeiros carrascos do empresariado brasileiro.

Eles não são socialistas, como pode pensar, num primeiro momento, algum desavisado, pois o socialismo subentende a distribuição igualitária da riqueza nacional. Ao contrário, eles querem distribuir a riqueza e o poder somente dentro do grupo a que pertencem, o dos funcionários estatais ou os tecnoburocratas, que têm o seu equivalente na *nomenklatura* russa. E também não são progressistas, como lembrou muito bem o deputado Cardoso Alves, pois progressistas são os Estados Unidos ou a Alemanha, mas não a Rússia e a Albânia. Aliás, se na sua obsessão antiamericanista eles conseguirem nos isolar economicamente do mundo ocidental, dentro de mais alguns anos poderemos assistir — ao olhar para o céu — aviões bolivianos jogando sacos de farinha para alimentar nossas populações famintas, compostas por aqueles que não conseguiram fugir, pois, há muito, os nossos aviões da Varig, qual modernas caravelas, terão levado de volta para Portugal levadas imensas de emigrantes, em busca das oportunidades surgidas com a economia liberal implantada no país pelo primeiro-ministro Cavaco da Silva.

Ao contrário do que pregam os nossos "progressistas" só a economia de mercado pode nos tirar do atoleiro em que fomos jogados pelas recentes experiências paranormais de um dos seus mais representativos líderes. Dêem oportunidade aos nossos empresários e saberão por que o Brasil se transformou rapidamente na 8ª potência industrial do mundo ocidental. Para que o mercado funcione, é a concorrência e não o tecnoburocrata que deve fixar os preços. E o lucro é o combustível que faz girar os mecanismos que produzem as mercadorias que as pessoas querem comprar, ao preço que podem pagar. Insistir na estatização da economia é como reprocessar o lixo que a União Soviética está abandonando.

Se quisermos ter uma Constituição verdadeiramente progressista, ela deverá ter como centro de suas preocupações o homem e a sua liberdade para pensar, falar e sobretudo empreender.

O resto é apenas besteiro, como a idéia daquele senador que pensava que a diferença entre o homem e a mulher estava no aleitamento; ou do deputado que queria apresentar uma emenda constitucional mandando distribuir aos "sem-carro" os automóveis que se amontoavam nos pátios das montadoras. O besteiro acumulado no projeto da Comissão de Sistematização da Assembléia Constituinte deveria ser doado ao Museu Histórico de Brasília. Se daqui a mais alguns anos nossos netos não tiverem o que comer, terão, pelo menos, do que rir. Se o Estado permitir.

Se nos dias que correm, o saudoso Stanislaw Ponte Preta retornasse à terra, haveria de se surpreender com o festival besteiro que assola Brasília e ao relançar uma nova edição do seu famoso *Febeapá* talvez propusesse a criação de mais um partido para competir com os que nos divertem atualmente: O PSR — Partido dos Saudosistas da Redentora. Posso imaginar Lalau perguntando, entre sério e gozador: Estabilidade, no emprego... Estatização dos bancos... Expulsão do capital estrangeiro... E quem vai trabalhar para pagar a conta?!

Gilberto Souza Gomes Job é engenheiro civil e empresário